

AS MULHERES NEGRAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ITAMATATUIA E A ABORDAGEM CTS NO ENSINO DE FÍSICA: ENTRE O PROTAGONISMO CULTURAL E O NÃO PROTOGANISMO ESCOLAR

Daniela Louzeiro Nunes Sousa (1); Jackson Ronie Sá-Silva (1); Thirza Pavan Sorpreso (2)

(1) Universidade Federal do Maranhão - UFMA, (2) Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL. e-mail: dnnnyella@hotmail.com; prof.jacksonronie.uema@gmail.com; thirza.ps@gmail.com.

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica e procura destacar a relação entre as mulheres negras da Comunidade Quilombola de Itamatatuiá, as práticas da produção de cerâmicas e a abordagem Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Pretendeu-se evidenciar o protagonismo cultural e o não protagonismo educacional da mulher negra no cenário da cidade de Alcântara-MA. O trabalho inicia-se com uma breve abordagem da história dos quilombos no Brasil, em especial, em Alcântara com a finalidade de situar o leitor sobre a questão quilombola e a identidade feminina negra nessas comunidades. Em seguida, é abordada a questão da mulher negra no contexto educacional de Alcântara e, por fim, analisa-se como a Física apresenta-se como campo do conhecimento na produção de cerâmicas, além de ser proposto um ensino de Física na educação formal sob o viés da abordagem CTS, apontado para uma forma diferenciada na prática dessa disciplina na educação quilombola.

Palavras-chave: Mulher Quilombola; Ciência, Tecnologia e Sociedade; Ensino de Física.

Introdução

O presente artigo partiu do interesse pelo estudo da mulher negra quilombola e suas relações com seu meio cultural e o ambiente escolar, além de abordar a Física existente na produção de cerâmicas, pelo viés da abordagem Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). O interesse foi despertado pela disciplina de Educação para a Diversidade do Mestrado Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que tratava dos Estudos Culturais em Educação. A questão do feminino chamou bastante atenção, haja vista ser um questionamento imprescindível nas discussões em esferas sociais e acadêmicas, sendo, portanto, um desafio nas práticas pedagógicas de ensino e, mais especificamente, no ensino de Física na educação quilombola.

Ao mesmo tempo em que as questões quilombolas são consideradas polêmicas busca-se entender seus aspectos sociais, com foco na mulher negra dessas comunidades, levando-se esses questionamentos para dentro do contexto escolar. O leitor pode questionar a escolha dessa temática e a resposta vem da necessidade de entender porque padrões culturais impostos são mantidos, de forma patriarcal, em âmbito social e escolar, principalmente a desigualdade de gênero (COSTA, 2004).

O tema “Entre o protagonismo cultural e o não protagonismo escolar das mulheres quilombolas de Itamatatuiá” conduziu à seguinte questão: “Quais são as possíveis contribuições do

conhecimento físico na produção de cerâmicas, desenvolvidas pelas mulheres de Itamatatiua, para o desenvolvimento de uma educação quilombola voltada para fortalecimento das conexões entre o ensino e o gênero feminino?”. O presente estudo buscou investigar as relações de gênero existentes em comunidades quilombolas de Alcântara – MA em associação com a problemática educacional no referido município e o ensino de Física. Foi escolhido para tanto um universo específico de mulheres negras pertencentes à Comunidade Quilombola de Itamatatiua.

Procedimentos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, na qual a leitura de referenciais teóricos dos estudos culturais femininos torna-se de grande relevância para a compreensão das práticas sociais e educacionais no contexto apresentado. Este trabalho estruturou-se em marcos teóricos sobre quilombos, mulheres negras, o protagonismo cultural e o não protagonismo escolar feminino, a Física na produção de cerâmicas e, por fim, apresentamos a abordagem CTS como proposta metodológica para a educação quilombola.

Resultados e Discussão

Os quilombos, no contexto de luta, formavam-se de forma diversificada. Neles a ausência feminina e/ou o silenciamento de suas vozes, impostos de forma distorcida em nossa história desde o período colonial, foram prejudiciais, uma vez que, de acordo com Ribeiro (2010), essas mulheres não tinham acesso à leitura e à escrita e eram consideradas como seres inferiores. Conforme Louro (2007, p. 20-21, tradução nossa), “[...] o argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção [...], acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível [...]servindo para compreender – e justificar – a desigualdade social”.

Na contemporaneidade, os quilombos, ou suas comunidades remanescentes, representam, para os que dela fazem parte, mais que um território físico, mas um lugar de “[...] relações sociais, como reveladora das estratégias de sobrevivência, como palco de uma cultura própria, como direito à preservação de uma cultura e organização social específica” (FIABANI, 2007, p.5), muito embora a luta pela manutenção de suas terras seja constante, como é o caso de muitas comunidades quilombolas da zona rural no município de Alcântara.

Ao contrário da maioria dos quilombos, a Comunidade Negra de Itamatatiua, localizada em Alcântara “[...] teve origem com a desagregação de uma antiga fazenda escravista pertencente à Ordem Carmelita [...] por esta razão, os moradores de Itamatatiua se consideram descendentes dos antigos camponeses negros que ali moravam” (GRIJÓ, 2008, p.2). Há aproximadamente 26 anos, a liderança feminina vem fazendo frente às decisões de cunho político e social naquela comunidade.

Pereira, Santos e Barreira (2016, p.14) relatam que “após a morte do senhor Eurico de Jesus, em 1991, as mulheres vêm liderando a Comunidade, liderança que se tornou um diferencial em termos de organização social”. Vale ressaltar, que não foi intenção deste estudo padronizar o masculino e o feminino, mas sim compreender as relações sociais que se entrelaçam na constituição de gênero, tendo como referência os estudos culturais e feministas. Da mesma forma que Louro (2007, p.24), “[...] a pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos”.

Nas comunidades quilombolas, o passado faz-se presente nas tradições e práticas do cotidiano, transmitidas através da oralidade ao longo das gerações. Segundo Moura (2006, p. 261), “[...] esse veículo de treinamento informal destila um saber que vai sendo transmitido e assimilado pouco a pouco, ao mesmo tempo em que proporciona oportunidade de reflexão sobre a necessidade de mudança”, é a educação não-formal utilizada na preservação da cultura e identidade étnica local.

Quanto à educação formal, o artigo 7º, inciso V, da Resolução nº. 08/2012 traz, como um dos princípios da Educação quilombola, a valorização da diversidade étnico-racial e, ainda, neste mesmo artigo, o inciso XX ressalta a importância de “[...] reconhecimento do lugar [...] ocupado pelas mulheres no processo histórico de organização das comunidades quilombolas e construção de práticas educativas que visem à superação de todas as formas de violência racial e de gênero” (BRASIL, 2012). Dessa forma, faz-se urgente, olharmos a educação pelo viés da diversidade, haja vista a negligência quanto às questões sociais que adentram a escola, a qual segundo Santos e Farias (2009, p.94), “consiste em um espaço de construção social do ser humano, independente de diferenças, credos ou raças e suas inter-relações”. Nesse sentido, a escola não deve configurar-se como “[...] um espaço que legitima as desigualdades sociais e confirma o legado cultural, a partir de mecanismos eliminatórios que agem ao longo do processo escolar de diferentes classes sociais” (SOUSA, 2014, p. 10). Ainda, sobre o contexto escolar com base nos pressupostos legais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº.9394/96), traz em seu artigo 3º, alguns princípios que os estabelecimentos de ensino devem assegurar, um deles é a “[...] vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais [...] e consideração com a diversidade étnico-racial” (BRASIL, 1996).

Atualmente, Alcântara constitui-se de 231 comunidades quilombolas, das quais Itamatatua se destaca pela liderança feminina na produção de cerâmicas e nas decisões que dizem respeito à comunidade. Porém, questões como a educação colocam em cheque esse protagonismo feminino, já que, além dos problemas como falta de saneamento básico, coleta de lixo e transporte coletivo, Itamatatua enfrenta uma dura realidade escolar. Pereira, Santos e Barreira (2016, tradução nossa)

evidenciam que Alcântara possui apenas uma escola primária e para cursar as demais séries escolares os alunos devem deslocar-se para municípios vizinhos, como é o caso do Município de Bequimão, que fica mais próximo para os habitantes de Itamatatiua do que a sede de Alcântara.

As comunidades quilombolas enfocadas neste trabalho também convivem com a problemática social causada pela implantação do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), que desenvolve pesquisas aeroespaciais. Essa implantação justificar-se-ia pelo progresso científico e tecnológico proporcionado pelo CLA, contudo, segundo Clímaco (2014, p.56), “[...] não proporcionou, em termos sociais, culturais e econômicos, o desenvolvimento esperado pela população”. Essa problemática local, pode ser trabalhada no âmbito escolar através da abordagem CTS no ensino de Física sob a perspectiva de gênero, com foco nas atividades de produção de cerâmicas realizada pelas mulheres de Itamatatiua, já que esta comunidade quilombola também sofre com os impactos causados pela implantação da base. Além disso, vale ressaltar que no contexto educacional, conforme Spanger, Cascaes e Carvalho (2009, p. 135), “[...] o acesso às instituições e academias científicas foi dificultado às mulheres até bem pouco tempo”, por isso torna-se de grande relevância considerar estes aspectos, a fim de desenvolver um ensino de Física interdisciplinar e investigativo. Isso possibilitaria que a Física fosse enxergada não como mito a ser respeitado e sim como conhecimento produzido em contextos sociais específicos que pode tanto ser questionado, quanto usado no cotidiano ou em momentos de tomada de decisão.

Para o desenvolvimento da abordagem CTS, no ensino de Física, naquela localidade, faz-se necessário conhecer as tecnologias que a comunidade utiliza no seu cotidiano, se esses artefatos tecnológicos influenciam e como influenciam os seus modos de agir e pensar; extrair conhecimentos físicos sobre terminologia a partir da produção de cerâmicas desenvolvida pelas mulheres dessa localidade, bem como compreender a sua cultura; além de proporcionar a tomada de decisão e maior participação desses cidadãos em sua comunidade. Silva e Carvalho (2009, p. 136) ressaltam que “[...] os currículos CTS se articulam em torno de temas científicos ou tecnológicos que são potencialmente problemáticos e controversos do ponto de vista social”. Assim, a partir da controvérsia social local, podemos problematizar o desenvolvimento científico e tecnológico do CLA em contraponto às situações de descaso em que se encontram essas comunidades, principalmente em âmbito educacional e, por outro lado, valorizar a atividade cerâmica enquanto produção de artefatos que incorporam a cultura e identidade quilombola e viabilizar uma formação científica explorando aspectos físicos dessa produção. Essas ações possibilitam não só a compreensão dos impactos sociais, mas o empoderamento educacional feminino negro, de forma

que a abordagem da ciência e tecnologia sob a ótica de gênero possa contribuir para “[...] a desconstrução de referências culturais preconceituosas em relação à essa temática” (SPANGER, CASCAES e CARVALHO, 2009, p. 144, tradução nossa).

Conclusões

Com base nas reflexões apresentadas neste artigo, buscou-se evidenciar alguns entraves quanto à educação quilombola em Alcântara e, ao direcionarmos-nos ao contexto local de Itamatatua, ressaltamos que a questão de gênero deve ser levantada como forma de (re)construção da identidade feminina negra no âmbito educacional.

Através deste estudo foi possível identificar que embora os pressupostos legais tragam em seus textos princípios e garantias para o desenvolvimento do ensino na educação quilombola, estes não se sustentam na prática, haja vista o descaso com que é tratada a educação nessas localidades.

Procurou-se apontar que a carência de escolas de nível médio nas comunidades rurais de Alcântara induz o isolamento e o não desenvolvimento de seus habitantes, além de contribuir para o esvaziamento dessas populações, principalmente os mais jovens, que migram para outras localidades do Estado em busca de condições de estudos e de trabalho.

Diante do exposto, é necessário pensarmos sobre as questões educacionais e de gênero em Alcântara, principalmente quanto à importância da Ciência e Tecnologia e de seu conhecimento para essa sociedade e a necessidade de alfabetização científica para os mesmos. E mais, a Física enquanto conhecimento científico educacional pode contribuir para o empoderamento de comunidades tradicionais que historicamente foram sendo estigmatizadas e excluídas das mais variadas formas de educação quer seja formal ou não-formal. Assim, o ensino de Física pode promover uma educação cidadã e ética.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

_____. Resolução nº. 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11963-rceb008-12-pdf>. Acesso em: 02 jul. 2017.

CLÍMACO, Veríssima Dilma Nunes. **Territórios e identidades nas comunidades remanescentes de quilombos da agrovila do Peru no município de Alcântara - MA**. 2014. 128 fls. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento), Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2014.

COSTA, Marisa Vorraber Costa. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA NETO, Alfredo (Orgs.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. 2.ed. Rio Grande do Sul: Ed. da UFRGS, 2004, p73-91.

FIABANI Aldemir. O quilombo antigo e o quilombo contemporâneo: verdades e construções. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), 24., 2007, São Leopoldo/RS. **Anais...** São Leopoldo/RS: ANPUH, 2007. Disponível em: <[http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Aldemir% 20Fiabani.pdf](http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Aldemir%20Fiabani.pdf)>. Acesso em: 02 jul. 2017.

GRIJÓ, Wesley Pereira. Comunicação e Cultura: A comunicação oral como instrumento de construção da identidade negra. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v.6, n.12, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010ED.asp?o=16&i=P>>. Acesso em: 02 jul.2017

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 9ª Edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

MOURA, Glória. Aprendizado nas comunidades quilombolas: Currículo Invisível. Termo In: BRAGA, Maria Lúcia de Santana; SOUZA, Edileuza Penha de, PINTO, Ana Flávia Magalhães (org). **Dimensões da inclusão no Ensino Médio**: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. ISBN 85-296-00040-1

PEREIRA, Clecyane Cássia Moreira; SANTOS, Jaires Oliveira; BARREIRA, Maria Isabel de Jesus Sousa. **Revista em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 114-139, mai/ago. 2016. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245222.114-139>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

SANTOS, Solange Ferreira dos; FARIAS, Benedito Guilherme Falcão. Gênero, educação e artefatos tecnológicos: Os diferentes meios para ensinar. Termo In: LUZ, Naci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (org). **Construindo a igualdade na diversidade**: Gênero e sexualidade na escola. Curitiba: UTFPR, 2009.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres Educadas na colônia. Termo In: LOPES, Eliane Maria Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (org). **500 anos de educação no Brasil**. 4ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Luciano Fernandes; CARVALHO, Luiz Marcelo de. Professores de física em formação inicial: O ensino de física, a abordagem CTS e os temas controversos. **Revista Investigação em Ensino de Ciências**, v.14(1), p. 135-148, 2009.

SOUSA, Ricardo da Costa de. A educação pelo viés dos dados censitários. ISSN 1984-3879, **Saberes**, Natal - RN, v.1, n.9, mai, 2014.

SPANGER, Maria Aparecida Fleury Costa; CASCAES, Tânia Rosa; CARVALHO, Marília Gomes de. Ciência e tecnologia sob a ótica de gênero. Termo In: LUZ, Naci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (org). **Construindo a igualdade na diversidade**: Gênero e sexualidade na escola. Curitiba: UTFPR, 2009.